

PIB morno no segundo trimestre

Artigo

PAULO MANSUR LEVY*

O PIB do segundo trimestre mostrou alguma recuperação, porém sem retomar o dinamismo do início de 2011. A taxa dessazonalizada passou de 0,1% para 0,4%. Parte da frustração decorre da expectativa de que a superação dos problemas localizados da atividade agropecuária permitiria um desempenho mais robusto. O setor agropecuário cresceu 5% entre abril e junho, depois de ter recuado 6% no trimestre anterior, mas não foi suficiente para promover um crescimento maior da atividade econômica. Como os serviços mantiveram seu crescimento aproximadamente constante — 0,6% no primeiro trimestre e 0,7% no segundo —, fica claro que o principal determinante do fraco desempenho foi a indústria, em especial a de transformação, cuja taxa passou de 1,8% no primeiro trimestre para -2,5%. Esperava-se uma recuperação da economia maior e mais rápida diante da forte redução da taxa real de juros e da depreciação cambial.

A desaceleração do crescimento começou no segundo semestre de 2011, e coincide com a piora da situação

internacional, em especial na Europa, e com a redução do crescimento do crédito. A perda de dinamismo reflete também os problemas estruturais que tornam as atividades produtivas, em especial na indústria, pouco competitivas. O crescimento da demanda interna (isto é, a soma dos gastos em consumo e investimento das famílias, empresas e governo) desacelerou de uma taxa anual de 5% no primeiro semestre de 2011 para 1% no primeiro semestre deste ano, mas proporcionalmente o PIB desacelerou muito mais, de 3,8% para 0,6%.

A taxa anual de crescimento do consumo caiu a menos da metade entre o primeiro semestre de 2011 e o de 2012, de 5,8% para 2,5%. O principal fator parece ter sido a desaceleração da concessão de crédito, associada ao aumento da inadimplência das famílias e do nível de comprometimento da renda com juros e amortizações. Mas foi no investimento em capital fixo (excluindo as variações de estoques) onde a queda do crescimento anual foi mais acentuada entre os primeiros semestres de 2011 e 2012: de 7,5% para -3%. Por fim, vale destacar a contribuição do consumo do governo para sustentar a demanda interna. ●

*Economista do Ipea